

O CHEFE

TAKEO

Jaime Prado Gouvea

Faculdade de Direito — 5º ano

Deu uma paradinha na ante-sala, olhou o relógio, conferiu as sete horas em ponto e pensou: mais um dia, apenas isso. Depois esticou as pontas dos dedos até a porta e passou com um aceno de cabeça, leve, o bastante para que pudesse ser notado e respondido com o devido respeito pela recepcionista, um respeito que os outros funcionários, sentados mais atrás, repetiram num único bom-dia. Então, como em todas as manhãs naqueles seis anos de exercício, ele ficou de pé um instante na frente de sua mesa enquanto olhava os papéis cuidadosamente empilhados e ia desabotoando o paletó, desabotoava, parava esse instante olhando os papéis e se virava lentamente para dependurar o paletó no cabide de chifre que ficava às suas costas, num cuidado que permitia aos funcionários pelo menos três segundos para esconderem qualquer objeto que não deveria, absolutamente, estar sobre a mesa deles naquele momento.

Os primeiros quinze minutos eram dedicados aos papéis esperando na cesta. Colocava a pilha em sua frente, retirava os clips e olhava para a esquerda, no alto da folha, onde estava escrito ASSUNTO. Examinava com ar grave e depositava os sem maior importância à esquerda, para quando tivesse tempo disponível. Os outros, não. Os outros ele aproximava mais dos óculos e procurava suas minúcias com

todo critério, anotava parte por parte as providências a tomar e então chamava o funcionário mais adequado para dar andamento a eles, redigir alguma resposta ou fazer uma pesquisa nos arquivos. No bloco, ele anotava: funcionário tal, recebimento da tarefa às tantas horas, assunto a tratar, observações gerais. O funcionário vinha, recebia os papéis e voltava em silêncio para sua mesa, deixando para outra hora qualquer pensamento que pudesse impedir a correta execução de seu trabalho.

Aquela manhã era um dia tranqüilo, havia pouca coisa a fazer no escritório. O serviço não dava nem mesmo para ser repartido entre o pessoal, mas ele aprendera uma norma muito importante de chefia: manter os funcionários sempre ocupados. Por este motivo desmembrou o mais que pôde as tarefas, designou dois homens, que forçosamente sobriariam, para que trabalhassem nos arquivos, sob a alegação que tudo precisava estar em ordem em caso de necessidade. Estava tudo em ordem. Ele sabia disso. Mas os funcionários se levantaram em silêncio e ele pôde segurar nos olhos seu velho ar de vitória, uma satisfação sossegada, quando viu um deles abrir a gaveta da letra A e o outro a da letra M. O resto, o que era de sua exclusiva alçada, esticava o tempo o mais possível para examinar, o bastante para que pudesse esticar o silêncio e a eficiência de seus comandados até as seis horas da tarde, até o momento em que ele descia as mangas da camisa, levantava-se, virava-se de costas para a seção e retirava o paletó do cabide.

Pouca coisa a fazer aquela manhã. Quatro ou cinco ofícios para assinar, uma carta para a Itália e um pedido de licença de uma funcionária. Leu o pedido, licença para tratamento de saúde, ela dizia estar com suspeita de alguma doença. Suspeita. Nada o autorizava a conceder licença por suspeita. Escreveu em cima, numa letra escorregada e firme, *junte-se atestado médico*, mesmo sabendo que, para que ela pudesse obter um atestado, seria obrigada a procurar um médico na hora do expediente, e isso ele não permitiria nunca. Chamou a funcionária pelo sobrenome e devolveu-lhe

o pedido. Ela veio com um sorrisinho envergonhado que manteve durante a leitura, as três releituras do despacho do chefe, e depois dobrou a folha com delicadeza, abriu a bolsa grande de couro e a depositou lá no fundo. Então, levantou-se com os olhos moles e pediu permissão para ir ao toalete. O chefe concedeu apontando com a caneta e a funcionária saiu por entre as outras mesas, olhando sempre para a frente. Quando ela voltou do toalete, com o nariz um pouco vermelho, e o colega ao lado perguntou se o resfriado dela ainda não havia sarado, ele entendeu perfeitamente que por sete minutos, os sete minutos que marcara no relógio para anotar nas observações sobre seus funcionários, que por sete minutos ela tinha se trancado no toalete para chorar.

Só por isso, pelo fato mesquinho daquela mulher ter chorado escondida, ele resolveu riscar o que anotara. Ele não podia entender por que motivo essa funcionária julgava ter certas regalias ali dentro, se é que ela achava que o tempo de serviço lhe dava esse direito. Ela nunca foi nada de mais. Os dois começaram a trabalhar na mesma época, já faziam bem uns quinze anos, e ela foi sempre a mesma: uma funcionária. Fazia as coisas maquinalmente. Ele não. Desde cedo demonstrou dinamismo, foi sempre elogiado — guardava ainda a folha de promoção, assinada pelo antigo chefe, de onde destacava o enaltecimento às suas “qualidades inatas de liderança”, que entendia como um reconhecimento à sua capacidade de mando, de ordem e de produção. Por isso ele era o chefe e ela uma simples funcionária.

Mas esse dia estava difícil manter todo mundo ocupado, Deixou aberto na mesa um volume que tratava dos projetos principais, volume que ele mesmo redigira e com que sempre se distraía procurando erros de impressão. Esta manhã, no entanto, não se distraiu nem por um momento. A funcionária à sua frente retomara, como sempre, seu serviço de catalogar a correspondência e num instante a mesa dela ficou coberta de papéis. Talvez fosse isso, a mesa coberta de papéis, o que provocava nele uma certa irritação contra a mulher, um antigo desleixo, a sensação de que aquilo era apenas

desorganização ou rebeldia. Lembrou-se de que um dia, um dia que estava muito quente, ele mandou todos para o almoço e se demorou um pouco no escritório. Esperou que todos saíssem e fez uma vistoria geral nas gavetas. Deixou a dela por último, mas perdeu tempo demais com as outras e a vistoria da gaveta da funcionária foi rápida e nervosa. Na gaveta dela viu a mesma desordem da mesa: papéis, cópias, carbonos, clips, estojos de cosméticos e um objeto que ele não reconheceu, ou melhor, em que ele não prestou muita atenção porque estava com pressa. Agora, sentado ali na mesa da chefia e olhando para ela, pensou que o objeto era mais pesado que os estojos, que lembrava vagamente essas bolsas revestidas por placas de madrepérola, uma coisa de péssimo gosto, fora de moda, e que, por isso mesmo, devia ser a bolsa dela. Uma bolsa revestida de madrepérola. Uma coisa bem dela.

Ele se lembrava bem. Essa funcionária não tinha nada de mais, chegava a ser desagradável, complicada, uma mulher cheia de problemas. Que resolvesse pra lá. Ali dentro era ele. Todo mundo era ele porque ele sabia mandar, sabia colocar as coisas em andamento, sabia manter alto o conceito da seção sem precisar esconder nada, a folha limpa de serviço, as próximas promoções, tudo por merecimento. E isso de ficar se preocupando à toa já estava ficando aborrecido. Ele gostava de sair dali, da frente daquela gente que não significava nada e se esquecer do escritório, viver sua vida decente, sentar-se com os amigos no clube e acender com lerdeza seu cachimbo, uma lerdeza meio aristocrática que sempre causou efeito favorável entre seus amigos e não a infalível careta de desagrado que sua funcionária sempre fazia por causa do cheiro do fumo.

Mas ele andava cansado. Tinha alguns pesadelos, sendo um insistente e ridículo, e que por isso mesmo se repetia quase todas as noites e do qual tinha pavor de se lembrar. Dizia sempre que era por causa das notícias quase diárias de assaltos, onde as vítimas ficavam presas no banheiro dos estabelecimentos. Ele tinha um pesadelo muito pior. Ele sonhava

que estava dentro do banheiro da seção, no toailete, com as calças dependuradas no botão de descarga para não se molharem naquela porcaria dos funcionários, assim, sem calças, mas de camisa e gravata, e a porta se escancarava e entravam todos os funcionários com as mãos cruzadas sobre a cabeça e ele se levantava do vaso todo sujo. Ele se lembrava desse pesadelo e fechava os olhos, como que para afastá-lo. Respirava fundo, procurando apoio. Então olhava até o fundo da seção, aqueles porcos fuçando em silêncio sobre os officios, os outros dois ao lado do arquivo, um na letra F, outro na letra Q.

Mas esse dia era apenas mais um dia, como havia pensado ao chegar, pela manhã. Como sempre, ele conseguiu manter os funcionários ocupados, e o conseguiria mesmo que não tivesse tarefa alguma para fazer, porque eles estavam acostumados com sua presença autoritária e segura. Estava tranqüilo: eles faziam o possível, ele os premiava com o possível, com o que lhe facultava o regulamento. Nada mais. Um manda, outro cumpre, é assim que as coisas devem ser. E não era a primeira vez que ele impossibilitava, praticamente negava um pedido de licença, por não haver fundamento legal para esse pedido. Estava certo, tanto que ninguém reclamou. E estaria certo até se punisse reclamações dessa natureza. Certo aqueles seis anos, todos os dias úteis, das sete da manhã às seis da tarde. A única diferença esse dia — e depois ele acharia até graça em ter pensado nisso — foi que, às seis em ponto, depois de ter abaixado as mangas da camisa e se virado de costas para a seção, ele parou meio assustado e entendeu que estava pensando no objeto da gaveta da funcionária, como se aquele objeto de madrepérola fosse não uma bolsa, mas o cabo de um revólver, um pequeno revólver de mulher, e que ela estaria naquele momento apon-tando o cano curto do revólver de cabo de madrepérola para sua nuca e começando a apertar o gatilho.